

*A Aranha, a Dor de Cabeça  
e outros males que assolam o mundo*

© Fernanda Lopes de Almeida, 2005.

<i>Diretor editorial adjunto</i>	Fernando Paixão
<i>Editora adjunta</i>	Claudia Pinaffi Morales
<i>Editor assistente</i>	Fabricio Waltrick
<i>Revisão</i>	Ivany Picasso Batista (coord.)

<i>Arte</i>	
<i>Projeto gráfico e capa</i>	Katia Terasaka e Antonio Paulos
<i>Edição</i>	Antonio Paulos e Cintia Maria da Silva
<i>Assistentes</i>	Claudemir Camargo e Eduardo Rodrigues
<i>Editoração eletrônica</i>	Studio 3 Desenvolvimento Editorial
<i>Pesquisa iconográfica</i>	Silvio Kligin (coord.)
<i>Edição eletrônica de imagens</i>	Cesar Wolf

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Almeida, Fernanda Lopes de  
A aranha, a dor de cabeça e outros males que assolam o mundo / Fernanda Lopes de Almeida ; ilustrações de Elisabeth Teixeira. — 3. ed. — São Paulo : Ática, 2019.  
56 p. : il., color.

ISBN: 978-85-0819-597-8

1. Ética – Literatura infantojuvenil 2. Valores – Literatura infantojuvenil I.  
Título II. Teixeira, Elisabeth

19-2858

CDD 028.5

---

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

CL 750508

CAE 721191

2019

3ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2005  
Avenida das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros, São Paulo, SP - CEP 05425-902  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@aticascipione.com.br  
Conheça nosso portal de literatura Coletivo Leitor:  
www.coletivoleitor.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# *A Aranha, a Dor de Cabeça e outros males que assolam o mundo*



*em fábulas escritas por*  
FERNANDA LOPES DE ALMEIDA

*e ilustradas por*  
Elisabeth Teixeira

No início do século XX, o pintor russo Marc Chagall representou dezenas de histórias de La Fontaine. Este quadro mostra "O carroceiro atolado".



## *Prefácio*

*Fernanda Lopes de Almeida*

Muitos autores, em várias épocas, dedicaram-se a criar fábulas. A maioria inspirou-se nos antigos gregos – principalmente em Esopo – e nos fabulistas latinos, como Fedro (que também adaptou textos de Esopo). Com admirável fôlego, a fábula atravessou a Idade Média e o Renascimento, até chegar ao século XVII. Nesse século, Jean de la Fontaine, escritor e poeta francês nascido em 1621, autor de uma vasta obra, notabilizou-se pelas 243 fábulas que escreveu, verdadeiro monumento de observação do comportamento humano. Grande parte delas foi também recriação dos textos de Esopo, “o pai de todos”. Enquanto Esopo escreveu em prosa, La Fontaine criou suas fábulas\* em forma de primorosas poesias, em geral curtas.

Engana-se quem pensa que as fábulas são histórias de bichinhos para crianças pequenas. Nenhum dos grandes fabulistas dirigiu-se em especial à criança e, embora seus personagens frequentemente sejam animais, estes representam diversos aspectos da natureza humana. O verdadeiro protagonista dessas histórias é o ser humano.

Seguindo a tradição de todos os seguidores de Esopo, criei estes contos livremente. E o fiz com imensa admiração por esses ilustres predecessores e com um particular carinho por La Fontaine, em cujas poesias principalmente me inspirei. Dirigi as histórias ao universo infantojuvenil. Elas podem interessar à criança menor, em leitura acompanhada, e também aos mais crescidos e aos pré-adolescentes, pois têm tudo a ver com a fase em que se está formando o código individual de conduta. Uma vez superado o preconceito de que as fábulas são historinhas de animais falantes, o jovem

---

\* A rigor alguns desses textos não são fábulas, em que os personagens são sempre animais. Optei entretanto por manter esse nome genérico, pelo qual eles são tradicionalmente conhecidos.



O grego Esopo foi escravo em parte de sua vida. Por isso, o pintor Velázquez o imaginou neste quadro com roupas muito simplórias; porém, não se esqueceu de colocar um livro em suas mãos, representando sua imensa sabedoria.

perceberá que esse tipo de leitura está longe de infantilizá-lo. É, ao contrário, um convite ao pensamento mais amadurecido.

É inerente ao gênero fábula o propósito educativo. Mas evidentemente educar tem agora um outro sentido, que não tinha em séculos mais distantes. Hoje é, principalmente, ensinar a pensar. O ideal, em se tratando de escolas, será o debate em grupo. O professor, no caso, tem mais o papel de facilitador do que o de orientador, deixando que os alunos discutam e cheguem às suas próprias conclusões. É incrível como os jovens nos surpreendem quando se põem a refletir. Basta dar-lhes a oportunidade para tomar consciência do que sabem, sem saber que sabem.



Esta é a minha primeira obra intencionalmente didática.

A linguagem é menos simples que a de meus outros livros. Tem por objetivo ir habituando o leitor a um texto menos coloquial que

o dos livros ditos infantis. Uma ponte para futuras leituras mais adultas.

Quando empreguei palavras menos usuais procurei que, pelo contexto, o seu sentido pudesse ser adivinhado. A intenção foi ajudar a enriquecer o vocabulário juvenil, hoje em dia muito restrito. Diria mesmo, o da maioria das pessoas. Há uma espécie de vergonha das palavras, que empobrece muito o nosso riquíssimo idioma. As pessoas empregam um termo menos corriqueiro e logo caçoam de si mesmas, como se tivessem dito algo ridículo. Isso não se dá apenas no discurso oral, mas, eventualmente, até no escrito. Depois criticamos os mais moços porque eles não gostam de ler e não conhecem os nossos grandes autores. Mas não lhes damos instrumental para isso.

Fiz também questão de usar o “tu” e o “vós” como forma de tratamento, embora eventual e moderadamente. Apenas para lembrar que essas formas existem, eram usadas entre nós num passado não muito distante, são ainda hoje empregadas de modo corrente em algumas regiões do Brasil e em outros países de língua portuguesa. É impossível ler os clássicos sem conhecê-las.

Naturalmente, ao criar a partir desse manancial de sabedoria que os antigos nos legaram, fiz isso de um ponto de vista contemporâneo e levando em consideração critérios contemporâneos. A psicanálise, a antropologia cultural, as ciências políticas e sociais, e até mesmo a física, nos deram uma visão de mundo muito diferente da que era possível ter no século XVII. O Bem e o Mal já não são instâncias tão absolutas e separadas. Entretanto, eles continuam existindo e nós continuamos precisando de uma moral e de uma ética. Sem elas não seria possível viver e conviver.

Curioso é que a maioria das fábulas, para chegar à noção do Bem, aborda primordialmente o Mal. É apontando o Mal que elas chegam a despertar a noção do Bem. Daí o título deste livro.

Colocamos junto ao título de cada conto o “mal” mais evidente que ele discute. Mas há muitos outros temas sendo ventilados. Debatendo e dando com liberdade sua opinião a respeito de cada aspecto que surja, o jovem irá descobrindo o seu próprio sistema de valores. Veremos que este, com frequência, resultará bem mais sofisticado do que supúnhamos possível.



O francês Jean de la Fontaine (1621-1695) expôs os vícios e as virtudes humanas em suas fábulas. A ilustração acima, feita em 1760, mostra seu busto cercado por personagens dessas histórias.





## MÁ-FÉ

### *As abelhas zangadas com os besourinhos*



UM DIA, foram encontrados no bosque alguns favos de mel, abandonados.

– São nossos – disseram as abelhas.

E logo vários besourinhos protestaram:

– Não senhoras. São nossos.

– Que novidade é essa? – espantaram-se as abelhas. – Onde já se viu besouro dono de favo de mel?

Mas os besourinhos ficaram firmes:

– Não é da sua conta. São nossos e acabou-se.

Saiu discussão feia.

Afinal, como não chegaram a um acordo, resolveram chamar uma vespa para decidir quem tinha razão.

A primeira providência da vespa foi verificar se havia testemunhas. Havia diversas: uma borboleta azul, um caracol e todas as formigas de um formigueiro.

– Fale a senhorita primeiro – disse a Vespa, dirigindo-se à Borboleta Azul. – Sabe alguma coisa a respeito desse assunto?

– Saber, mesmo, não sei, não – respondeu a Borboleta. – Mas vi muitos animaizinhos voadores ao redor desses favos.

– Sim. E que mais observou?

– Mais que isso? Nada, senhora juíza. Sou muito distraída.

– Nota-se – disse a Vespa. – Até aí nenhuma novidade. Voar, tanto abelhas quanto besouros voam. Da próxima vez distraia-se menos.

As formigas, que não eram distraídas, também pouco esclareceram:

– Como a senhora juíza sabe, somos ocupadíssimas. Passamos o dia olhando para o chão, catando matinhos e folhinhas. O máximo que podemos informar é que ouvimos muitos zumbidos, para os lados onde estão os favos.

Visto que tanto abelhas quanto besouros zumbem, ficou-se na mesma.

A única esperança passou a ser o Caracol, mas esse foi quem deu o testemunho menos esclarecedor. Querendo voltar logo para dentro da casca, disse que uma porção de insetos andava por ali o dia inteiro, que não era guarda de favos de mel e que não o aborrecessem com questões sem importância.

A questão podia não ter importância para ele. Mas tinha muita para os interessados.

A briga recomeçou.

Indignadas, as abelhas gritavam que há séculos eram famosas pelo seu mel.

Cheios de raiva, os besourinhos perguntavam onde estava escrito que todo o mel do mundo era delas.

Só uma das abelhas, pessoa de muito bom senso, continuava calma.

– Senhora Juíza – disse ela, afinal – conversa vai, conversa vem, já se passou mais de uma hora e ainda estamos como no princípio. É preciso andar com este julgamento.

Todos lhe deram razão, até os besouros.

– E o que a senhora sugere? – perguntou a juíza.

– Em primeiro lugar devo dizer que não creio que seja falando que vamos resolver este impasse – respondeu a Abelha.

– Como será então? – admirou-se a Vespa.

– Fazendo.

Todos se entreolharam e remexeram-se nos seus lugares.

Até os besouros, que se mantinham sempre um tanto afastados, e com ar de pouco caso, aproximaram-se para ouvir melhor.

A Vespa, já cansada de ser juíza daquela pendenga, foi quem mais se interessou:

– Fazendo? Mas fazendo o quê?

– Mel, é claro. Proponho que as abelhas e os besourinhos comecem a trabalhar. Vamos ver quem sabe produzir mel. E mais: quem sabe construir favos tão bem-feitos para guardá-lo.

Vespa, abelhas, testemunhas, não houve quem não achasse a ideia ótima.

Isto é, houve: os besourinhos foram contra.

– Ora que bobagem! – protestaram, muito irritados. – Aqui por acaso é alguma fábrica? Ninguém comparece diante de um juiz para fabricar coisas.

Aquela recusa já fez a Vespa perceber que as verdadeiras donas dos favos eram mesmo as abelhas. Mas ela disse, só para ver a cara dos besouros:

